

Pereira Barreto, um vira casaca da política científica? O debate entre Arthur Mendonça e Pereira Barreto sobre a febre amarela no início do Século XX.

Soraya Lódola¹, Cristina de Campos²

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)* sorayalodola@gmail.com

2. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Palavras Chave: Pereira Barreto, Febre Amarela, História da Ciência

Introdução

No final do século XIX havia um intenso debate científico para identificar as causas de propagação da febre amarela. Entre as teorias debatidas estavam as teorias dos miasmas, do contágio e da bacteriologia.

A teoria dos miasmas defendia que o que causavam as enfermidades e epidemias eram as más condições do ambiente. Os odores, somados à falta de saneamento, esgoto, água potável e asseio corporal, faziam as pessoas mais suscetíveis às doenças.

A outra corrente, a dos contagionistas, defendia que as doenças se propagavam pelo contato com o indivíduo enfermo.

Com o desenvolvimento da microbiologia, surgiram os adeptos da teoria bacteriana. Estes defendiam que os agentes contagiosos se manifestavam em conjunção com outros fatores, como os sociais, climáticos e econômicos.

Os debates entre os cientistas extrapolaram o campus científico e assumiram dimensões nos veículos de comunicação não especializados como os jornais diários, por exemplo.

Nosso objetivo é analisar os debates ocorridos entre os médicos Pereira Barreto e Arthur Mendonça no jornal "O Estado de S. Paulo" nos primeiros anos do século XX sob a ótica da teoria de campus de Pierre Bourdieu.

Resultados e Discussão

Pereira Barreto e Arthur Mendonça foram médicos de grande relevância para a história das doenças no Estado de São Paulo.

No caso da febre amarela defendiam com afinco suas teorias, o que poderiam trazer prestígio no campo científico se fosse aceitas pela classe médica.

No início do século XX enquanto Artur Mendonça apoiava a teoria sustentada pelo médico Sanarelli, Pereira Barreto migrava da teoria dos miasmas, com a transmissão através da água, para a teoria bacteriológica, tendo como agente transmissor o mosquito *Aedes aegypti*. A alteração do miasma para a bacteriologia se deu após Barreto se convencer das pesquisas realizadas em Cuba em 1900 pela equipe norte americana, diferente de Mendonça, que demorou um pouco para aceitar o mosquito como agente causal. A defesa das suas teorias contraditórias criava tensão entre seus opositores.

Em 1903 Barreto publica no jornal "O Estado de S. Paulo" alguns artigos dirigidos a Arthur Mendonça. Em um deles afirma¹:

"A sinceridade (...) só póde conduzir ao fanatismo, o fanatismo à cegueira, a cegueira às mais pavorosas iniquidades. (...) É sem duvida a cegueira da sinceridade que conduz o meu ilustrado collega a jurar pelo alcorão de Sanarelli e a não admitir salvação prophylactica fóra

do regaço da igreja desse summon pontifice." (BARRETO, 1903b)

Enquanto Barreto julga Mendonça pela sua fiel dedicação à Sanarelli, Mendonça ataca Barreto por suas constantes alterações discursivas.

Em 1900 o discurso de Barreto era enfático:

Os collegas me perdoarão a insistência com que defendo a doutrina hydrica. Mesmo com o risco de passar por monomaníaco, continuo a preocupar-me intensamente com a questão da febre amarela, impellido irresistivelmente por motivos de ordem científica e social.

Com novas pesquisas sendo realizadas, Pereira Barreto em 1901, altera seu discurso.

Pela minha parte, continuo a acreditar que a febre amarela se transmite de dois modos: pela água contaminada, que se bebe, e pela picada dos mosquitos infeccionados nessa água.

E em 1903 Barreto afirma:

para mim, pernillongo e água eram uma só e mesma coisa e que essa mesma hypothese já estava incluída nas minhas premissas (...) A questão do pernillongo reduz-se a uma questão de água.

Depois de inúmeros ataques de Mendonça, Barreto, que já se convencia das experiências de Cuba, se defende:

Entretanto, o meu bom amigo e illustrado collega Dr. Arthur Mendonça pretende que, seduzido pelas retumbantes experiências dos médicos norte-americanos, "abandonei a água para atirar-me aos mosquitos".

(...) O illustre collega sentiu-se mortalmente ferido em suas crenças mais intimas mais caras e mais santas. Na sinceridade da sua mágoa, **qualquer mudança de opinião em medicina parece-lhe um crime tão feio e tão condenável como o de virar-casaca na política científica.**

Conclusões

Os combates entre os contagionistas, os adeptos dos miasmas e os bacteriologistas, guardavam consigo não somente as diferenciações teóricas entre uns e outros, mas também as oposições ideológicas e políticas que essas correntes representavam. Foi identificada no confronto entre as teorias de propagação da febre amarela uma disputa simbólica por espaço na constituição do campo científico.

BARRETO, Luiz Pereira. In: *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, ano XXVII, p. 1, 22 nov 1901; ano XXIX, p. 1, 01 mar 1903a; ano XXIX, p. 1, 02 mar 1903b; ano XXII, p.1, 09 jun 1896; ano XXVI, p.1, 17 jun 1900.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 2005

MENDONÇA, Arthur. In: *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, ano XXIX, p. 1, 26 fev 1903a; ano XXIX, p. 1, 05 mar 1903b; ano XXIX, p.1, 14 out 1903c.

¹ A ortografia do período foi mantida inalterada em todas as citações.